

- [SOBRE](#)
- [CRITÉRIOS EDITORIAIS](#)
- [EQUIPA](#)
- [CONTACTOS](#)

Instagram Twitter-square Facebook

[Entradas Temáticas](#)

[Entradas Biográficas](#)

GOMES, Bernardino António. Paredes de Coura, 29.10.68 – 13.1.23. Médico, botânico, químico. Sócio efetivo na classe de Ciências Naturais.

Filho do médico José Manoel Gomes e de Josefa Maria Clara de Sousa, naturais de Coimbra. Matriculou-se na Universidade de Coimbra a 13.10.1784, concluindo o curso de medicina a 21.5.1793 (diploma de 18.6.1793).

Três meses após a obtenção do diploma de curso, Bernardino Gomes foi recrutado pela câmara municipal de Aveiro, em 11 de setembro de 1793, como médico do partido. Em 2 de fevereiro de 1795, a Chancelaria de D. Maria I registava a carta patente do referido cargo, e a 26 de fevereiro de 1798, novo registo da mesma chancelaria indicava que a câmara municipal de Sintra o havia “convocado” de Aveiro para exercer medicina, remunerando-o com 200 000 réis anuais.

Para além das responsabilidades terapêuticas, incumbia-lhe apresentar um relatório anual acerca da qualidade das águas e das doenças que grassassem no distrito, assim como medidas preventivas, uma tarefa que se tornaria obrigatória para os médicos em 1812, mas que já estava a ser promovida pela Intendência-Geral da Polícia. Dado o habitual atraso das chancelarias em relação ao efetivo início da atividade, é plausível que Bernardino Gomes tenha mudado para Sintra entre finais de 1795 e inícios de 1796. No entanto, a sua permanência na localidade terá sido breve, pois, a 9 de janeiro de 1797, foi nomeado médico da Armada Real, com a posição de capitão de fragata.



Bernardino António Gomes (1768-1823). Litografia de P. A. Serrano, 1857, Biblioteca Nacional de Portugal.

Bernardino Antonio Gomez

Na qualidade de médico da armada, Bernardino Gomes desempenhou duas missões marítimas. A primeira, na esquadra que partiu para o Brasil em 16 de janeiro de 1797, regressando a Portugal em 1800. A segunda, entre 10 de abril de 1802 e 31 de março de 1803, na Esquadra do Estreito (de Gibraltar), com a incumbência de debelar a epidemia de tifo a bordo. Após controlar a epidemia, procurou incessantemente autorização para voltar a Lisboa o que ocorreria em 3 de março de 1803. A 20 de agosto, temendo o regresso ao mar, solicitou licença para continuar a trabalhar no Hospital Real da Marinha, ou, em alternativa, a sua demissão, alegando motivos de saúde e outros “muito ponderosos”, insinuando problemas conjugais (casara-se em 15 de outubro de 1801), problemas que se tornariam públicos a partir de 1805. Em abril de 1804, foi libertado “do serviço do mar enquanto a sua habitual moléstia o permitir”.

Em outubro de 1805, Bernardino Gomes deixava o hospital da Marinha e assumia, interinamente, por ordem do príncipe regente, o cargo de primeiro médico do hospital militar da corte, já em Xabregas, auferindo um vencimento de 500 mil réis. Em julho do ano seguinte, via confirmada a sua permanência no mesmo hospital, já sem a categoria de primeiro médico, mas mantendo o mesmo ordenado. As dificuldades de integração no meio castrense, a que não terão sido alheias as críticas constantes que fazia à formação dos seus cirurgiões, refletem-se novamente numa missiva (não assinada) datada de 13 de setembro de 1806, em resposta ao visconde da Anadia, na qual o remetente esclarece que Bernardino Gomes, embora estivesse a trabalhar no Hospital Militar, não pertencia aos seus quadros: era médico de esquadra, estando obrigado a embarcar sempre “que for necessário e se lhe ordenar”. No mesmo ano em que ingressa na Academia das Ciências (1810), recebe ordem (em julho) para tratar 445 doentes com tifo, em quarentena no lazareto da Trafaria. Considerando-a uma tarefa desrespeitosa do seu percurso, apresenta a sua demissão em 22 de setembro de 1810, após a conclusão do tratamento. Passou então a exercer medicina privada. Contrariado, regressou ao mar em 1817 e 1818 para acompanhar a princesa real na viagem desde Livorno até à corte do Rio de Janeiro e, posteriormente, a comitiva austríaca ao seu país, mas agora na condição de médico da Câmara Real.

Quando se demitiu da armada, Bernardino Gomes já havia elaborado quatro obras científicas – três médico-botânicas (*Memória sobre a Ipecacuanha*; *Observações botânico-médicas*; *Memória sobre a canela*) e outra estritamente sobre medicina (*Método de curar o tifo*) –, todas elas conformes aos preceitos do método científico, princípios que continuaria a seguir em mais de uma dezena de novos textos redigidos até à sua morte, a maioria publicada pela Academia das Ciências. Apesar de reconhecer a importância do conhecimento teórico especializado, essencial para compreender os princípios fundamentais da medicina, defende a prática clínica como meio de desenvolver o conhecimento e tornar as abordagens terapêuticas mais eficazes.

A interação dinâmica da teoria com situações clínicas da vida real acompanhará todo o seu percurso profissional. A literatura fornece-lhe o contexto

para o estudo, seguido pela recolha controlada de dados (por exemplo, referentes a seis pacientes dos mais de 200 infetados com tifo ou os 14 casos analisados na *Memória sobre a virtude tœnifuga da romeira* (1822)). As suas observações são registadas de forma objetiva, um procedimento que pode ser seguido nos manuscritos que deixou relativos à sua prática clínica. Adicionalmente, apresenta o método de análise de modo a que as conclusões possam vir a ser confirmadas ou refutadas. Nesta prática, alinha-se com os autores que admira, como quando replica na Esquadra do Estreito o método de refrigeração no tratamento das febres de origem infecciosa, desenvolvido pelo médico inglês James Currie, ou rejeita as hipóteses formuladas por Andrew Duncan e Louis-Nicolas Vauquelin acerca da cinchonina. Ou ainda quando concorda com o princípio, mas discorda do meio de o concretizar, como sucede com a teoria de Louis-Bernard Guyton-Morveau sobre a desinfeção das cartas sem as abrir, na sua *Memória sobre a desinfeção das cartas*, de 1814, elaborada no âmbito do seu trabalho como membro da Junta da Saúde, para a qual foi eleito em 28.8.1813. Autocrítico, exorta os seus pares a aprofundarem as suas pesquisas, mormente sobre a elefantíase (*Carta aos médicos sobre a elefantíase*, 1821), texto que surge na sequência do *Ensaio dermosográfico* (elaborado em 1817 e publicado em 1820), considerado o primeiro tratado sobre dermatologia em Portugal. Os seus métodos de trabalho granjearam-lhe reconhecimento internacional – por exemplo, James Currie mencionará os seus estudos sobre o tifo a partir da 3.^a edição dos *Medical Reports* – e ligá-lo-iam ao avanço da ciência, particularmente no caso do isolamento da cinchonina, identificado pelos farmacêuticos Joseph Pelletier e Joseph-Bienaimé Caventou como uma base orgânica, um alcaloide da quina (perdendo a designação no masculino). A descoberta da quinina, em 1820, teve um elevado impacto na saúde pública, perpetuando assim o nome de Bernardino Gomes.

O surgimento de novos dados entre a primeira versão de um artigo e a sua publicação leva-o a assinalar emendas ou a juntar apêndices ao texto original, como aconteceu no seu estudo sobre a canela, apresentado em 1798 e publicado em 1809. No caso mais conhecido, relacionado com as ipecacuanhas, solicitou o apoio de Félix de Avelar Brotero, o qual efetuou algumas correções e traduziu a informação essencial para latim, originando um equívoco sobre a autoria do estudo por parte dos professores franceses Julien-Joseph Virey e François-Pierre Chaumeton. Bernardino Gomes apressou-se a esclarecer as imprecisões notadas, sendo por eles prontamente corrigidas no *Dictionnaire des Sciences Médicales*. Este episódio acentuará a consciência de que a escrita em português constituía um entrave à disseminação da sua obra. Por conseguinte, empenhar-se-á em torná-la conhecida no estrangeiro, seja através da correspondência que mantém com os seus pares, os quais a vão difundindo nos diversos fóruns em que atuam, seja por meio de traduções, como foi o caso com as suas descobertas sobre a quina, no *Edinburgh Medical and Surgical Journal*, em 1811 (traduzidas, indica o texto, do terceiro volume das Memórias da Academia das Ciências), ainda antes da publicação em língua portuguesa, que só adviria no ano seguinte, quando foi republicado no *Medical and Physical Journal*.

Uma parte da comunidade científica nacional, representada por José Feliciano de Castilho e demais médicos redatores do *Jornal de Coimbra* que, entre 1812 e 1819, punham em causa a sua descoberta sobre a cinchonina, considerava que publicar no estrangeiro denotava vaidade pessoal e anseio por reconhecimento público. A *Memória sobre o cinchonino* foi a primeira que leu na Academia das Ciências a 7 de julho de 1810.

O ingresso de Bernardino Gomes na Academia das Ciências (7.1.1810) ocorreu num contexto de fortalecimento da presença médica nas classes das ciências. Em 6 de junho de 1812, ascendeu à categoria de sócio livre (ou supranumerário) e, a 19 do mesmo mês, a sócio substituto de efetivo. Em 23 de dezembro, foi eleito diretor da classe de Ciências Naturais. Conquistou a condição de sócio efetivo a 1 de dezembro de 1814, sendo posteriormente reeleito diretor da classe de Ciências Naturais em 1821.

Dos diversos trabalhos desenvolvidos no âmbito da Academia, ou sob o seu enquadramento institucional, evidenciam-se dois, por razões diferentes: o referente às quinas e a Instituição Vacínica. Como mencionado, o primeiro texto abordou os estudos sobre as quinas, iniciados por ordem governamental no hospital militar em 1804. Estes estudos prosseguiram as investigações que estavam em curso em Portugal desde a década de 1780 (e também em França), com o intuito de acabar com a dependência da quina peruviana, monopólio espanhol. Bernardino Gomes afirmava ter isolado a cinchonina nas cascas das quinas de Minas Gerais e de Camamu, reconhecendo-lhes propriedades terapêuticas febrífugas; acrescentava não a ter encontrado nas quinas do Rio de Janeiro.

Por duvidar da conclusão ou almejar um consenso abrangente sobre o tema, o Governo, em 22 de maio de 1811, solicitou à Academia a realização de novas análises, estabelecendo-se para tal uma comissão da qual Bernardino Gomes faria parte. Apesar de não ter participado nos trabalhos, conforme esclarece no *Investigador Portuguez em Inglaterra*, manteve a sua associação nominal à comissão, que concluiu pela existência de cinchonina nas quinas do Rio de Janeiro. Esta discrepância foi explorada pelo *Jornal de Coimbra*, que tinha ligações ao diretor do Laboratório Químico e professor na Universidade de Coimbra, Tomé Rodrigues Sobral, a quem foram pedidas análises semelhantes em 1811 e 1813, e que sustentava opiniões divergentes das de Bernardino Gomes. Este imbróglio foi ampliado pela publicação, em 1812, pela Academia do *Ensaio sobre o Cinchonino* e pela recusa da instituição em incluir as discordâncias de Bernardino Gomes na publicação, em 1814, das *Experiencias Chymicas sobre a quina do Rio de Janeiro*, que apresentava os resultados da referida comissão. Polémicas que, todavia, não prejudicaram a projeção internacional da sua descoberta.

Sorte distinta teve a Instituição Vacínica, erigida por proposta de Bernardino Gomes em 1812, da qual foi o seu primeiro diretor e também o arquiteto do seu enquadramento normativo.

A 8 de abril de 1812, a Academia assume o desígnio da vacinação gratuita, entregando-o aos seus membros médicos, que, mensalmente, analisam os resultados, propõem adaptações e melhoram os processos, apresentando-os publicamente a cada três meses. Ao contrário do que acontecera nos finais do século XVIII, procura-se agora mobilizar a sociedade, através da figura de “correspondentes”, que incluem agentes de saúde e autoridades locais e centrais, membros da Igreja e grupos mais proeminentes, onde sobressaem as mulheres, como era comum à época. Registos de tudo isto foram sendo publicados pela Academia, salientando-se, da autoria de Bernardino Gomes, a *Recopilação histórica* (1814), um relatório analítico, crítico e prospetivo apresentado em junho de 1813, e *Conta Anual*, de 1815, onde discorre sobre a importância da vacinação num país com “excessiva falta de população”, colónias incluídas. Apesar de os resultados terem ficado aquém do desejado, em parte devido à insuficiência de financiamento, o programa de vacinação realizado por uma academia de ciências destacou-se singularmente na Europa.

Durante a sua vida, Bernardino Gomes, para além dos vários cargos que ocupou obteve ainda algumas mercês como reconhecimento dos seus serviços: médico honorário da Câmara Real, a 8.7.1813 (Rio de Janeiro), cavaleiro fidalgo em 7.3.1815, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, a 19.6.1815 e fidalgo Cavaleiro a 18.4.1818.

Obras: *Memória sobre a Ipecacuanha Fusca do Brasil ou Cipó das Nossas Boticas*, Lisboa, Typographia do Arco do Cego, 1801; *Método de curar o Tifo [...]*, Lisboa, Typographia da Academia R. das Sciencias, 1806; “Observações Botânico-Médicas sobre Algumas Plantas do Brasil, Escriptas em Latim e Portuguez, [...]”, *Memorias de Mathematica e Physica da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, III, 1, Lisboa, Typographia da Academia, tomo 3, parte 1.^a, 1812, pp. 1-104; “Conta dada na Congregação dos Membros da Instituição Vacínica da Academia Real das Ciências em 15 de Outubro de 1812”, *Collecção de Opúsculos sobre a [...]*, I e II, Lisboa, Typografia da Academia, 1812; “Conta dada na Congregação dos membros da Instituição Vaccinica da Academia Real das Sciencias”, *Collecção de Opusculos*, II, pp. 19-24; “An Essay upon Cinchonin, and its influence upon the virtue of Peruvian Bark, and other Barks”, *The Edinburgh Medical and Surgical Journal*, 17, 1811, pp. 420-431; “Essay upon Cinchonin, and its Influence upon the Virtue of Peruvian Bark, and other Barks”, *Medical and Physical Journal*, 1812 Apr, 27(158), pp. 295-312; “Ensaio sobre o Chinchonino e sobre a sua Influência na Virtude da quina e Doutras Cascas”, *Memorias de Mathematica e Physica da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, III, 1, Lisboa, Typografia da Academia, 1812, pp. 202-217; “Recopilação Historica dos trabalhos da Instituição Vacínica durante o seu primeiro anno”, *Memorias de Mathematica e Physica da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, III, 2, Lisboa, Typografia da Academia, 1814, pp. LXXVI-XCIX; “Memória Sobre a Desinfecção das Cartas”, *História e Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, IV, I, Lisboa, Typografia da Academia, 1815, pp. 36-57; “Memória sobre as Boubas”, *História e Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, V, I, Lisboa, Typografia da Academia, 1815, pp. 1-35; “Conta Annual da Instituição

Vaccinica da Academia Real das Sciencias de Lisboa pronunciada na Sessão Publica de 1815”, *História e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, IV, II, Lisboa*, Na Typografia da Academia, 1815, pp. XXVII-XLIX; *Ensaio Dermosográfico [...]*, Lisboa, Typographia da Academia, 1820; *Memória sobre os Meios de Diminuir a Elephantíase em Portugal e de aperfeiçoar o Conhecimento e a Cura das Doenças Cutâneas, [...]*, Lisboa, Officina de J. F. Monteiro de Campos, 1821; *Carta aos Médicos Portuguezes sobre a Elephantíase [...]*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1821; *Memória sobre a Virtude Tænifuga da Romeira, [...]*, Lisboa, Na Typ. da Academia Real das Sciencias, 1822.

Bibliografia: Processo Académico, AH-ACL, PT/ACL/ACL/C/001/1810-01-07/BAG; ANTT, *Chancelaria de D. Maria I*: liv. 15, fls. 192-192v; liv. 48, fls. 143-143v; liv. 55, fls. 110-110v; ANTT, *Hospital de S. José*, liv. 2242, fl. 54; ANTT, *Ministério do Reino*, PT/TT/MR/EXP/051/0043/00005; mç. 686, proc. 5; Arquivo Geral da Marinha, caixa – 797 – 3 – 4, 1793 a 1857: Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, Ms. Av. LXVI, nº 86; Gomes, Bernardino António, *Noticia da vida e trabalhos scientificos do medico Bernardino Antonio Gomes*, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1857; Machado, Virgílio, *O Doutor Bernardino António Gomes (1768-1823): a sua Vida e a sua Obra*, Lisboa, Portugália Editora, 1925; Simões, Manuela Lobo da Costa, *Um Divórcio na Lisboa Oitocentista*, Lisboa, Livros Horizonte, 2006; Silva, José Alberto, *A Academia Real das Ciências de Lisboa (1779-1834): ciências e hibridismo numa periferia europeia* (tese de doutoramento), Universidade de Lisboa, 2015; Subtil, Carlos, *Bernardino António Gomes: ilustre médico iluminista nascido em Paredes de Coura*, Maia, Sersilito, 2017; Semedo, Maria Guilherme, *Bernardino António Gomes (1768-1823): a quina e o isolamento da cinchonina*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020.

Laurinda Abreu